

**ORESTES GUIMARÃES E AS QUESTÕES EDUCACIONAIS DE SUA ÉPOCA:
DA DIREÇÃO DO COLÉGIO MUNICIPAL DE JOINVILLE À REFORMA DO
ENSINO CATARINENSE DE 1911.**

Paulo de Nóbrega

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado e parte integrante de pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre, defendida em 20 de dezembro de 2000, na mesma instituição. A pesquisa buscou relacionar as práticas políticas oligárquicas e coronelistas, predominantes durante a Primeira República, com uma retórica educacional oficial de cunho nacionalista, republicana, cientificista, liberal e positivista, verificando qual o impacto nos programas escolares e nas práticas educacionais de então.

No início da República, São Paulo dá início a um processo de modernização de sua instrução pública primária¹ que repercutiria em outros Estados brasileiros (TANURI, 1970). A reforma, iniciada pela Escola Normal da Capital, foi acompanhada de nova organização espacial, administrativa, programática e pedagógica das escolas públicas primárias. Desta forma, a renovação das Escolas Normais e a reestruturação do ensino público primário republicano serão elementos indissociáveis nas reformas do ensino promovidas então pelos Estados. Em Santa Catarina, a reforma da instrução pública primária com tais características será implantada a partir de 1911.

Para dirigir a reforma catarinense foi contratado, em 1910, o professor paulista Orestes de Oliveira Guimarães, com a anuência do Governo de São Paulo, para assessorar a reforma educacional, promovendo a reorganização da Escola Normal, a introdução dos “modernos métodos de ensino” e a difusão de Grupos Escolares. Este comissionamento de Orestes Guimarães a frente do ensino público catarinense fora antecedido por sua

¹ Esta reorganização da escola primária, pressupunha a uniformização e seriação dos conteúdos, distribuídos racionalmente no tempo de curso, e uma homogeneização dos grupos de alunos de modo que em cada grupo todos estivessem dentro de um mesmo grau de desenvolvimento escolar e sujeitos ao ensino simultâneo. E ainda, a adoção de determinado método de ensino – lastreado em certa concepção de conhecimento, de homem, de sociedade: liberal e positivista – chamado “método intuitivo” ou “lição de coisas”. No Brasil, inicialmente em São Paulo, deu-se este tipo de organização escolar graduada que foi nomeada Grupo Escolar, expressando o processo pelo qual foram criadas: reunião ou agrupamento de escolas primárias preexistentes

passagem como diretor do Colégio Municipal de Joinville, entre 1907 e 1909. Já ali

Guimarães manifestara e procurara por em prática aquilo que considerava primordial para a organização do ensino público primário, numa perspectiva moderna de educação. É esta visão educacional que o presente trabalho pretendeu caracterizar.

OS FUNDAMENTOS DA MODERNIZAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO PRIMÁRIO REPUBLICANO

Orestes de Oliveira Guimarães nasceu em São Paulo, na cidade de Taubaté, a 27 de fevereiro de 1871. Formou-se professor pela Escola Normal da Capital naquele Estado aos 18 anos. Iniciou o magistério em uma escola rural em Quiririm, na região de Taubaté. Foi diretor do Grupo Escolar “Dr. Lopes Chaves” instalado em 1 de setembro de 1896 nesta cidade. Instalou - isto é, organizou - e dirigiu Grupos Escolares do ensino público paulista. Era, portanto, um profissional da confiança da Diretoria da Instrução Pública – um quadro técnico e burocrático –, experiente e familiarizado com as diretrizes do ensino primário daquele Estado, quando foi designado para dirigir o Colégio Municipal de Joinville em 1907.

No *Relatório*, apresentado ao final de seu primeiro comissionamento, em 1909, afirmava Guimarães: “Demais, si bem que, pela observação e pratica do meio escolar de Joinville, hoje me julgue mais capaz para apresentar uma reforma, no entanto, deixo de o fazer devido a inoportunidade”(GUIMARÃES, 1909, p.1). A oportunidade surgiria. Em 1910, retorna à Santa Catarina na condição de Inspetor Geral da Instrução – em novo entendimento entre as administrações dos dois Estados – para dar nova organização ao ensino público primário do Estado, que se estenderá nas administrações Vidal Ramos, Felipe Schmidt e Hercílio Luz, com as renovações sucessivas de seu comissionamento.

Os pressupostos educacionais para a organização física, administrativa e pedagógica da reforma catarinense, realizada sob a direção de Orestes Guimarães a partir de 1911, serão os mesmos que o orientaram durante sua passagem pelo Colégio Municipal de Joinville. Mediante o mesmo *Relatório*, entregue à Superintendência Municipal ao final desta comissão, pode-se vislumbrar suas características. A organização da “escola moderna” apoiava-se nos itens seguintes: Prédio Escolar, Móvel Escolar, Material Escolar, Livros Didáticos, Disciplina, Ensino e Programa. O ordenamento adequado de todos eles garantiria uma escola primária eficaz e de qualidade.

O prédio escolar por excelência – o Grupo Escolar, em geral com uma arquitetura neoclássica – deveria apresentar, preferencialmente, uma simetria bilateral, de modo que as seções masculina e feminina ficassem em lados opostos e separadas por um pátio interno, com compartimentos internos espaçosos, arejados com amplas janelas, de modo que a claridade incidisse adequadamente na carteira do aluno. Poderia ter de oito a doze salas de aula, metade para cada seção, além de salas de depósito, galpões e o gabinete do diretor. Um prédio planejado para atender aos fins e às práticas pedagógicas pretendidas com a reforma.

Em 1911, o prédio do Colégio Municipal de Joinville, para adquirir características de Grupo, passou “por uma sensível modificação, ficando com oito salões espaçosos para aulas, um gabinete para o director, salas de deposito e arrecadação e galpões para os dias calidos ou chuvosos. O edificio será forrado e novamente pintado e caiado e terá um porteiro e um servente. As aulas funcionarão diariamente durante cinco horas...”(*Commercio de Joinville*, de 12 de Agosto de 1911, p.2). O Grupo Escolar Vidal Ramos, nome do governador, de Lages, sua cidade natal, inaugurado em 20 de Maio de 1913, com dois andares, foi o maior e mais suntuoso prédio escolar construído no período, não sendo superado nem mesmo pelos dois Grupos Escolares construídos na capital.

Outra novidade que será incorporada à estrutura do prédio mas que, como as demais, tinha um fim pedagógico, foram os quadros negros. Em 1909, Guimarães assim se referia a eles: “Foram construidos quadros negros corridos nas paredes de todas as classes. Este ultimo melhoramento é um dos melhores introduzidos, pois facilita muitissimo o ensino de todas as materias, principalmente aquelles que dependerem do processo tabulario” (GUIMARÃES, 1909, p.15). A mobília escolar destinada ao aluno era encarada como fator de higiene e disciplina. Era composta de carteira e cadeira individuais. Para se ter idéia de como era considerada sua importância, Guimarães, ainda em 1909, se refere a ela nos termos seguintes: “Não posso deixar de lastimar, o modo porque foi encarado este ponto de reforma, visto a actual mobilia ser a mais anti-hygienica, incommoda e impropria á disciplina”(Idem, ibidem, p.15). E quanto a sua função disciplinadora: “Como, pois exigir-se que uma creança se torne quieta e attentiosa, enfim, bom alumno, si o collocamos cinco horas em cima de taboas duras e sem encosto?”(Idem, ibidem, p.16). As queixas de Guimarães se deveram ao fato de, por limitação de recursos, não ter recebido as carteiras

solicitadas quando diretor do Colégio Municipal de Joinville.

O material escolar, incluindo-se aí o gabinete de física e química, o museu natural, mapas murais para o ensino de ciências naturais, mapas para o ensino de geografia, globo terrestre, quadros de Parker para o cálculo mental, etc., eram de fundamental importância pois serviriam de apoio para a aplicação das lições de coisas, partindo-se do objeto concreto, da coisa, ou de sua representação material, para depois chegar-se à conceituação dela. E afirma Guimarães: “Este material adoptado nas escolas de S. Paulo alguns feito sob a direcção do Pedagogium Brasileiro, é dos melhores e resiste a qualquer critica, como material didactico”(Idem, ibidem, p.16).

A “litteratura didactica” – isto é o livro, especialmente o livro de leitura – exerceria papel fundamental e deveria caracterizar-se por ser “attrahente, facil, seriada, passional proporcionalmente ás forças do alumno, enfim, correcta, quanto a forma e quanto ao fim”(Idem, ibidem, p.17). Era fundamental porque: “Com um livro de leitura escolhido, o professor faz: a leitura propriamente, a linguagem, a historia, a geographia, a educação civica e pode dar amplas licções de cousas”(Idem, ibidem, p. 23).

A disciplina é outro elemento essencial na racionalidade da “moderna pedagogia”, na medida que ela, além de expressar certa visão de comportamento social, tornaria possível a aplicação do ensino simultâneo, em oposição ao ensino individual ou ao ensino mútuo. Guimarães assim se expressa a respeito: “Fonte de inexgottaveis aproveitamentos educativos; base geral e primordial das organizações escolares: – ordem para ter progresso – é, pois para a disciplina que deve convergir as vistas de todos os directores a par do ensino propriamente dito” (Idem, ibidem, p.18). E usando a máxima positivista, reivindica a ordem como meio para atingir-se o fim, o progresso, neste caso, o educacional.

E para a disciplina tornar-se efetiva ela deveria basear-se na autoridade: “A base de toda a disciplina, que, a meu ver, abrange estes pontos: as entradas e saídas das classes; a estadia nos recreios; o tratamento; a posição em aula, a consideração e deferencia pelos mestres, o cumprimento exacto das ordens recebidas; a voluntariedade em obedecer este conjuncto de harmonia – tudo reside na auctoridade do mestre, e, sobretudo, na do director, em estabelecimento como este”(Idem, ibidem, p.18). Daí a grande difusão com a reforma de regulamentos, regimentos internos, etc., já que estes estabeleceriam os padrões de conduta escolares, disciplinares, por meio dos quais exercer-se-ia a autoridade.

Mas esses padrões de conduta estabelecidos pela escola não se restringiriam a ela, já que a escola propunha-se a formar para a vida social:

Alex Martin, citando Raut, diz, falando da obediência, que é o grande factor da disciplina, si não a unica. ‘Pode a obediência derivar do constrangimento e então é absoluta; ou então da confiança e é voluntaria. É importantissima esta ultima, mas a primeira é extremamente necessaria, porque ella prepara a criança, para os cumprimentos das leis, a que mais tarde terá de obedecer como cidadão, mesmo quando ellas não lhe agradarem’. O professor, si bem me expresso, precisa estar sempre attento, com o coração e com o cerebro, para manter a disciplina, isto é, ‘manter, imprimir e reprimir’ (Idem, ibidem, p.19).

Ao que parece, coração aí refere-se à confiança e cérebro à constrangimento. E, na ausência dos primeiros, a eficiência dos últimos: “manter, imprimir e reprimir”. Expressa ainda uma visão verticalizada e estática da organização social. A lei não poderia ser questionada? Quem fazia as leis não poderia ser questionado? Não, pois, partia-se do pressuposto de que a sociedade estava organizada dentro dos princípios de uma democracia representativa liberal acabada, com fundamentos positivistas, isto é, ordenada e disciplinada.

Todos estes itens da organização da escola postos, o ensino propriamente dito poderia se desenvolver. E aí é que se colocava a questão metodológica do ensino, evidentemente vinculada aos itens demais e aplicável a todas as disciplinas do programa. Propunha-se no lugar do ensino individual ou mútuo o “processo intuitivo” e simultâneo, isto é, a ênfase para a atenção às coisas concretas simultaneamente pelos alunos:

Todavia, resumindo todos os processos exarados no dito Programma, posso dizer que elles obedecem, com variantes de forma, ao processo intuitivo, isto é, aquelle que tem por fim despertar a attenção das creanças, provocando-lhes a intelligencia, já pela objetivação (methodo objectivo, 1ª e 2ª classe)[mais concreto] já pela completa e máxima exemplificação [em direção a abstração], principalmente na 3ª e 4ª classe (Idem, ibidem, p.20).

O “processo intuitivo” tinha como um de seus fundamentos o “ensino lento, variado e recapitulativo”, que garantiria a manutenção da atenção dos alunos. Ao recomendar aos

professores procedimentos de ensino valorizados pelo “processo intuitivo”, Guimarães assim se manifesta:

Snrs. Professores. Recommendo-vos que no ensino das diferentes disciplinas obedeçais as instrucções seguintes: a) sempre que for possível, toda idéa nova deve ser objectivamente levada ao conhecimento do alumno, aproveitando os mappas, quadros, apparelho Level, espherar etc; b) nos exercicios de linguagem, geographia, historia etc. não apresentar de uma vez muitas idéas novas. A intensidade da attenção está na razão inversa da extensão do assumpto; c) falar com clareza, de modo a fazer o alumno entender que uma ou outra vez se repisa uma assumpto ou se repete uma explicação; d) propor a questão a classe em geral e só depois nomear quem a deve responder; e) tornar attractiva a exposição procurando despertar a curiosidade; f) coordenar as idéas e os racciocinios num encadeamento logico; g) não exigir do alumno muita attenção de espirito, para evitar que o cansaço o impossibilite de acompanhar a explicação; h) variar a ordem das perguntas fazendo o alumno perceber que se acha exposto a ser chamado; i) corrigir ou completar uma resposta deficiente; j) variar os methodos de exposição; k) expor com variedade e clareza o assumpto que for lido, seja elle qual fôr, e pedir resposta aos alumnos (Idem, ibidem, p.21).

Ensino concreto, gradual – lições curtas, recapitulativo, attenção simultânea, lógico. O ensino estava centrado na figura do professor e da sua eficaz utilização dos materiais pedagógicos. E para exemplificar a importância do professor, escreve Guimarães: “A linguagem se aprenderá apenas no livro de leitura, que é este o compendio dos compendios, como o mestre deve ser o livro dos livros”(Idem, ibidem, p. 10).

E, finalmente, sobre a formação dos professores afirmava: “Como, pois, conseguir a attenção da creança, dessa attenção que é a base do ensino intuitivo? É pois, como disse o nó gordio da questão, nó que só as escolas normaes, as escolas modelo e estabelecimentos congeneres poderão resolver”(Idem, ibidem, p.20). Ao ressaltar a importância do “método intuitivo”, Guimarães expressava como as dificuldades para sua aplicação poderiam ser superadas, apontando o fundamental papel das Escolas Normais como instrumento da “formação moderna do professor”. Reafirmava, assim, a relação umbilical entre a reorganização das Escolas Normais e a desejada modernização do ensino público primário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COMMERCIO DE JOINVILLE, n. 328, 12 de Agosto de 1911, Joinville, Typ. Boehm.

GUIMARÃES, O. O. *Relatório apresentado Ao Exmo. Sr. Superintendente Municipal de Joinville*, pelo director em comissão Orestes de Oliveira Guimarães, de 20 de abril de 1909.

SOUZA, R. F. *Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo, Fundação Editora da Unesp, 1998.

TANURI, L. M. *Contribuição Para o Estudo da Escola Normal no Brasil*. In: CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS - CRPEP- Prof. Queiroz Filho. São Paulo, n. 13, dez. 1970. (Pesquisa e Planejamento).

